

"Poucas coisas são tão poderosas e transformadoras quanto histórias verdadeiras que nos inspiram e impulsionam nossas vidas rumo ao bem maior."

JOSEPH M. STOWELL

CAROL KENT &
JENNIE AFMAN DIMKOFF

Milagres do Ágape

*Histórias reais e motivadoras
sobre o poder do amor de Deus*

valentina 

Milagres do Ágape

CAROL KENT &
JENNIE AFMAN DIMKOFF



Milagres do Ágape

*Histórias reais e motivadoras
sobre o poder do amor de Deus*

Tradução
Renato Motta

valentina 

Rio de Janeiro, 2012

1ª Edição

Copyright © 2011 by Carol Kent and Jennie Afman Dimkoff
Publicado mediante contrato com o proprietário, Howard Books,
um selo da Simon & Schuster, Inc.

TÍTULO ORIGINAL

Miracle on Hope Hill – and other true stories of God's love

CAPA

Raul Fernandes

FOTO DE CAPA

Susan Fox/Trevillion Images

FOTO DAS AUTORAS

Robin Phillips/Phillips Photographers

DIAGRAMAÇÃO

editorfarte

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

2012

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K44m

Kent, Carol, 1947-

Milagres do Ágape: histórias reais e motivadoras sobre o poder do amor de Deus / Carol Kent e Jennie Afman Dimkoff; tradução Renato Motta. – Rio de Janeiro: Valentina, 2012.

308p. : 21 cm

Tradução de: Miracle on Hope Hill

ISBN 978-85-65859-01-1

1. Deus (Cristianismo) – Amor – Anedotas. 2. Milagres – Anedotas.
I. Dimkoff, Jennie Afman. II. Título.

12-6194.

CDD: 231.73

CDU: 2-145.55

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA VALENTINA
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana
Rio de Janeiro – 22041-012
Tel/Fax: (21) 3208-8777
www.editoravalentina.com.br

Ao meu marido
Gene Kent

*Obrigada por ser meu parceiro da vida inteira,
minha fonte de estabilidade e coragem, e também por fornecer
grandes e equilibradas doses de humor e esperança a cada dia.
Amo “aproveitar a vida” com você!*

Carol



Ao meu marido
Graydon W. Dimkoff

*Obrigada por todos esses anos de amor, de sonhos,
de apoio físico e moral, por você ser um bom pai,
por saber traçar tantos planos e objetivos, por saber orar e brincar.
Querido, obrigada por me incentivar a escrever —
e por nunca perder esse brilho no olhar.*

Com amor, sempre, Jennie

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1:	Uma Nova Família	10
CAPÍTULO 2:	O Casamento Secreto	20
CAPÍTULO 3:	O Casaco Desaparecido	30
CAPÍTULO 4:	Uma História de Amor	38
CAPÍTULO 5:	Uma Descoberta Inesperada em Manhattan	46
CAPÍTULO 6:	O Dom de Rosa	52
CAPÍTULO 7:	Cedo Demais	58
CAPÍTULO 8:	Milagre na Ladeira da Esperança	64
CAPÍTULO 9:	Aconteceu na Varanda	70
CAPÍTULO 10:	O Vestido de Noiva	76
CAPÍTULO 11:	Um Novo Começo	82
CAPÍTULO 12:	O Anjo Inesperado	88
CAPÍTULO 13:	Em Busca de um Sonho	94
CAPÍTULO 14:	Radiodifusão de Emergência	102
CAPÍTULO 15:	Escoltada por Anjos	110
CAPÍTULO 16:	O Catálogo da Convenção	118
CAPÍTULO 17:	Um Conto de Fadas Diferente	124
CAPÍTULO 18:	Vovó Na-na-ni-na-não	132
CAPÍTULO 19:	Surpresa no Brechó	140
CAPÍTULO 20:	Beleza Apesar das Cinzas	148

CAPÍTULO 21: Você Não Pode Contar Isso para Ninguém!	156
CAPÍTULO 22: A Igreja que Praticava Aquilo que Pregava	164
CAPÍTULO 23: Fórmula para a Vida	174
CAPÍTULO 24: Casa à Venda	182
CAPÍTULO 25: Momento Perfeito para Fogos de Artifício	188
CAPÍTULO 26: Sapatos Novos para Amber	200
CAPÍTULO 27: Surpresa em uma Manhã de Domingo	210
CAPÍTULO 28: O Anel	216
CAPÍTULO 29: Coberta de Amor	222
CAPÍTULO 30: Fazendo Compras com Deus	228
CAPÍTULO 31: Um Viajante Sinistro	234
CAPÍTULO 32: A Favorita	242
CAPÍTULO 33: A Longa Estrada para Casa	250
CAPÍTULO 34: Abençoados em Plena Sorveteria	258
CAPÍTULO 35: Dizendo SIM para Deus	266
CAPÍTULO 36: Voltando para Casa	274
CAPÍTULO 37: A Noite que Mudou Tudo	280
CAPÍTULO 38: Volta ao Passado	288
CAPÍTULO 39: Cerejas Cobertas de Chocolate	296
AGRADECIMENTOS	301
NOTAS	303



**Um estranho é apenas um amigo ao qual
eu ainda não fui apresentado.¹**

WILL ROGERS

CAPÍTULO 24

Casa à Venda

POR JENNIE AFMAN DIMKOFF



— Gostaria tanto de poder ir até lá contigo agora de manhã!

— Eu também, querida, mas você pode orar aqui mesmo. Estou contando com isso. — Papai se inclinou, deu um beijo de despedida em mamãe e saiu pela porta.

— Diga a Madelyn que eu mandei lembranças, se você tiver a chance de vê-la hoje à tarde! — gritou quando ele saía, e suspirou, recostando-se na cadeira de balanço acolchoada. Minha mãe, Pauline Afman, estava se recuperando de um problema no coração e sofria o desânimo de ainda se sentir frágil como um passarinho.

Quando eu estava no primeiro ano do ensino médio, a nossa família tinha se mudado para uma outra cidade, onde meu pai se tornou ministro religioso de uma igreja local. Naquela manhã, papai faria a longa viagem até uma clínica de queimados em Ann Arbor. Planejava visitar um membro da nossa igreja que havia sofrido queimaduras gravíssimas em um acidente, durante a troca de óleo de um dos automóveis na oficina em que trabalhava. Se houvesse tempo depois da visita ao paciente e à sua família, papai planejava parar em



Durand, bem no meio do caminho da viagem de volta, para verificar o estado da nossa antiga casa. Ele e mamãe eram proprietários do imóvel onde nossa família havia morado durante o tempo em que meu pai estivera à frente da congregação religiosa local. A igreja em Durand tinha alugado a casa de nossa família durante alguns meses, logo depois que nos mudamos. Mais tarde, porém, resolveu comprar um imóvel próprio e a casa ficou vazia novamente. Meus pais a colocaram à venda de imediato, espalhando diversos anúncios nos classificados da cidade, todos sem resposta. Uma casa desocupada e a tantos quilômetros de distância era uma sobrecarga financeira, e eles *precisavam* encontrar um comprador.

Fechando os olhos, mamãe pensou no marido bonitão e em todo o peso que devia estar enchendo sua mente e seu coração naquele dia. Com as mãos cruzadas no colo, direcionou o coração para o Pai Celestial e orou baixinho: “Bendito seja o Senhor, ó minha alma, e, com tudo o que existe em meu coração, eu glorifico Seu sagrado nome.”

Palavras de louvor vieram com facilidade aos seus lábios e, depois de alguns minutos, mamãe se pôs a apresentar suas preocupações ao Senhor: a vítima de queimaduras e sua família, o marido, que viajava naquele momento para visitá-los e a casa vazia em Durand que eles tanto precisavam vender, mas não conseguiam. Uma sensação de paz a preencheu enquanto ela orava, e mais uma vez viu-se agradecendo ao Senhor pela lealdade que Ele sempre dedicara a ela e à sua família.

Algumas horas depois, meu pai, o ministro religioso Clyde Afman, saiu do hospital em Ann Arbor e seguiu para Durand. Seu coração ainda pesava de dor pelo paroquiano hospitalizado e seus familiares. Ele sofrera queimaduras terríveis, mas, apesar da gravidade, conseguiria se recuperar.



Meu pai havia congregado com a família e exultou de alegria quando, em companhia deles, recebeu a boa notícia do médico. Soube também que, apesar do bom prognóstico, a recuperação seria um processo lento e doloroso.

Ele não tinha como entrar na casa em Durand e precisava pegar a saída da estrada em Linden Lake, para buscar a chave com Madelyn Menzel, uma corretora aposentada que era amiga deles e se oferecera para mostrar o imóvel a quem se interessasse. Muito cansado e ainda preocupado com o sofrimento da vítima que acabara de visitar, papai passou da entrada para Linden Lake sem perceber. A próxima saída ficava muitos quilômetros adiante e ele sentiu desânimo ao ver o tempo que perderia. De repente lhe ocorreu que seria melhor parar e telefonar para Madelyn, para ver se ela estava em casa. Como não sabia se teria tempo de passar por lá ao sair do hospital, não a avisara da visita. Se ela não estivesse em casa, seria uma perda de tempo ainda maior voltar todo aquele percurso.

Isso tudo aconteceu nos anos 60, e quando papai chegou à saída seguinte olhou em volta em busca de um posto de gasolina com uma cabine telefônica. Realmente havia um posto com uma cabine, mas, para sua frustração, um carro estava estacionado ao lado dela e um homem a ocupava. Papai parou o carro atrás do outro e esperou... e esperou... O homem parecia estar colocando a conversa em dia.

Esgotado e já um pouco irritado, meu pai resolveu sair do carro e se plantar ao lado da cabine, pois assim o sujeito perceberia que outra pessoa precisava usar o telefone. Ao se aproximar da cabine, percebeu que o homem tinha um jornal aberto diante de si e parecia procurar algo nos classificados. Procurava um emprego, talvez? Será possível que ele estivesse



precisando de uma casa para comprar? Enquanto esperava, meu pai começou a orar.

Quando o homem finalmente saiu da cabine, papai se aproximou dele com um sorriso nos lábios.

— Olá! Espero que a minha *insistência* não o tenha incomodado.

O homem murmurou um pedido de desculpas por levar tanto tempo e balançou o caderno de classificados do jornal com ar de desânimo.

— Não pude deixar de notar que o senhor procura algo nos classificados. Por acaso seria um imóvel? — quis saber papai. — Porque minha esposa e eu temos uma casa à venda em Durand.

Arregalando os olhos de surpresa, o homem explicou que realmente buscava uma casa em Durand, e o bairro onde a casa de meus pais ficava era *exatamente* o que ele e a esposa haviam escolhido! Papai estendeu a mão e se apresentou ao homem, cujo nome era sr. Zager, e marcou um encontro para mostrar a casa para ele e a esposa na semana seguinte.

Um minuto depois de meu pai se despedir do sr. Zager, mamãe atendeu o telefone em nossa casa lá em Sandusky e ouviu a voz entusiasmada do meu pai do outro lado da linha:

— Pauline, você não vai acreditar! Fiquei tão empolgado que não consegui esperar até voltar para casa e lhe contar tudo o que aconteceu!

Falando da mesma cabine que ele esperara com tanta paciência para usar, papai contou à mamãe a surpreendente história de ele ter perdido a saída para Linden Lake e acabar encontrando um potencial comprador para o imóvel.



O homem que Deus colocara na cabine telefônica à espera de meu pai acabou comprando a casa. Clyde e Pauline Aftan jamais esquecerão a maneira como Deus abençoou suas vidas naquele dia. O que meu pai julgava ser uma infeliz distração, uma falha ao deixar de entrar na saída correta da estrada, um inconveniente na sua viagem e uma perda de tempo, acabou por se mostrar um maravilhoso presente de Deus e uma resposta para as preces de ambos.



*Bendize, ó minha alma, ao Senhor,
e tudo o que há em mim bendiga o seu
santo nome.*

SALMOS 103:1





Se eu ousar levar a vida autêntica para a qual fui criada, as coisas poderão ficar complicadas e nem tudo sairá de acordo com os planos. Mas se eu não levar a vida de forma autêntica, correrei o risco de perder o entusiasmo pela vida. Quando obedeco a Cristo, tudo em minha existência se torna mais sagrado, e eu me torno mais verdadeira.¹

BRENDA WAGGONER

CAPÍTULO 26

Sapatos Novos para Amber

POR JENNIE AFMAN DIMKOFF



Meu marido e eu estávamos casados havia nove anos quando tivemos nossa primeira filha. No momento em que Amber Joy entrou em nossas vidas, com seus cabelos sedosos muito escuros e olhos castanhos, Graydon e eu tínhamos *certeza* de que nenhum outro bebê na face da Terra nascera mais perfeito. Tínhamos passado tanto tempo casados sem ter filhos que todas as pessoas que conhecíamos passaram a nos cobrir de presentes. Eu adorava escolher entre uma infinidade de roupinhas e envolvê-la em colchas de crochê feitas à mão por amigas queridas; curti em especial os minúsculos sapatinhos que eu gostava de enfileirar em uma prateleira no closet do quarto dela.

Muitas vezes eu ficava com Amber apoiada no ombro, diante do espelho, e observava seu reflexo enquanto dormia. Aconchegava sua cabecinha frágil junto do meu pescoço e pensava: *Quero deixar essa imagem gravada no coração para sempre. Nunca esquecerei o quanto minha bebê é preciosa, nem o quanto é gostoso olhar para ela e segurá-la juntinho de mim.*

Cada nova conquista era devidamente registrada no Livro do Bebê: o primeiro sorriso, a primeira gargalhada, a primeira



risadinha disfarçada. Amber Joy engatinhou aos oito meses. Graydon e eu a aplaudimos como se ela fosse uma campeã olímpica! Aos nove, ela já subia as escadas engatinhando atrás do gato, e nesse mesmo mês ficou em pé pela primeira vez. Depois que “descobriu” as pernas, aos 10 meses, mostrou-se determinada a ficar em pé sozinha e começar a desbravar a casa, mas caía o tempo todo. Ao longo dos meses seguintes, ela continuava se desequilibrando, mas eu não me preocupava muito com isso, e atribuí a seu caminhar desajeitado à espessura das fraldas que se embolavam entre suas perninhas.

O tempo passou e certo dia, depois do serviço religioso de domingo, minha amiga Phyl, que vinha me ajudando a cuidar das crianças no berçário durante as cerimônias, me chamou em um canto assim que eu entrei para pegar Amber.

— Jennie, quando é sua próxima consulta com o pediatra?
— perguntou, toda cautelosa.

— Ainda vai levar algum tempo. Fizemos o checkup de um ano em agosto. Ela está se desenvolvendo muito bem! — respondi, com entusiasmo, embora sentisse, lá no fundo, um leve tremor de inquietação. Estávamos na primeira semana de novembro. — Por que quer saber?

— Amber Joy tem problemas motores, Jennie. — Phyl suspirou. — Comparada às outras crianças da mesma idade, ela não consegue caminhar nem três passos sem cair. Acho que você devia procurar um especialista.

Meus olhos fitaram os da minha amiga e assenti com a cabeça; uma onda de terror quase *me* jogou sentada. Enquanto conversávamos, Amber se ergueu, apoiada em uma caixa de brinquedos, exibiu um sorriso imenso e, depois de dois passos desajeitados, caiu pesadamente no chão, protegida pela fralda descartável.



No dia seguinte, marquei uma consulta com o pediatra, que nos enviou para um ortopedista. Em termos leigos, fomos informados que as pernas de Amber tinham uma curvatura anormal entre os joelhos e os tornozelos. Especialistas nos deram duas opções. Os ossos poderiam ser quebrados e corrigidos por meio de uma cirurgia. A segunda opção era tentarmos algo que levaria muito mais tempo para dar resultados: Amber passaria a usar botas ortopédicas com extensores. O aparelho todo consistia em um cinto largo e reforçado que ficava preso à cintura dela, acoplado a cabos pretos que desciam pelas pernas até as botas propriamente ditas.

A ideia de quebrar as perninhas de Amber nos deixou horrorizados.

— Durante quanto tempo ela terá que usar esse aparelho? — perguntei.

— Vinte e duas horas por dia durante, pelo menos, quatro anos — explicou o médico. — Talvez consigamos dispensar as botas antes de ela entrar no jardim de infância.

A quatro dias do Natal, Amber Joy ganhou as botinhas ortopédicas que ficavam permanentemente presas aos cabos de tração, e durante 22 horas por dia éramos obrigados a conviver com isso. Ela se adaptou à situação mais depressa do que eu. Aquele troço horrível tinha de ser colocado por cima de todas as roupinhas lindas que eu vestia nela. O pior de tudo é que o aparelho fazia minha menininha parecer uma *inválida*. Além do mais, eu sentia *muita* pena de ela não poder usar os lindos sapatinhos que ganhou. Amber usava as horrendas botas ortopédicas *sempre*, com *todas as roupas*. Era impossível fazer com que o couro parecesse novo e brilhante. Eu odiava aquelas botas!



Até que um dia recebi um telefonema ao acordar. Uma amiga querida sofrera um aborto espontâneo pela segunda vez e sua dor era devastadora. Subitamente percebi com clareza: Minha filha não estava morrendo por causa de um câncer, nem usava as botas e os cabos por causa de uma leucemia. O aparelho possibilitaria a Amber andar de forma correta, um dia, e naquele momento só me restava buscar o perdão de Deus e me sentir grata pelas botas e pelos cabos.

Ó Senhor, orei, por favor, perdoe toda essa minha insensatez, meu orgulho e minha impaciência. Obrigada por nos dar o maravilhoso presente que é Amber Joy exatamente do jeito que ela é. Obrigada pelos cabos extensores e pela promessa de cura que eles representam. Acredite, estou muito grata, Senhor.

A cada seis semanas, visitávamos o ortopedista, e a cada consulta eu esperava, ansiosa, por um sinal de que Amber progredia. Mas ele sempre dizia a mesma coisa: “Talvez consigamos tirar o aparelho antes de ela entrar no jardim de infância.”

O verão chegou e eu estava determinada a treinar Amber para usar o vaso sanitário antes de ela completar dois anos, em agosto. Entretanto, isso era impossível com uma folga de apenas duas horas por dia sem as botas e os cabos. Quando Amber avisava que tinha vontade de “banheiro”, desafivelávamos o aparelho ortopédico e a levávamos correndo, mas... as botas já estavam mais uma vez molhadas. Era desanimador. Com o seu aniversário se aproximando, decidi que se iríamos levar quatro anos para curar suas perninhas, bem que merecíamos pelo menos *quatro horas* por dia sem os cabos: duas pela manhã e duas pela tarde, ao menos para ver se conseguíamos sucesso no treinamento para ir ao banheiro. Eu me sentia culpada, sabendo que tínhamos uma consulta marcada com o pediatra no final do



mês de agosto. Ele certamente perceberia a falta de progresso. De qualquer modo, no ritmo que a coisa ia, as botas estragariam antes mesmo de os pezinhos dela crescerem.

Aquele verão não foi desafiador apenas em casa, foi terrível também financeiramente. O trabalho do meu marido como advogado recém-formado era produtivo, mas muitos clientes deixavam de pagar seus honorários dentro do prazo estipulado e o dinheiro andava curto. Sem o emprego em tempo integral que eu tinha no escritório dele, Graydon teve de contratar uma pessoa de fora, e os desafios que surgiram nos mostraram o quanto éramos dependentes da graça do Senhor.



O dia da consulta de Amber, no fim de agosto, amanheceu quente e úmido, e não tínhamos ar-condicionado. Ela tirou uma soneca depois do almoço e eu estava estressadíssima. Havíamos conseguido uma vitória no seu treinamento, mas eu receava o instante em que iria encarar o médico e confessar que havia permitido que ela ficasse duas horas a mais sem o aparelho. A consulta foi marcada para as três da tarde, e agradei a Deus porque Amber estaria descansada e talvez não reclamasse tanto dos exames. Deixando o assunto de lado por algum tempo, busquei consolo na Bíblia.

Nesse mês, eu estava me dedicando ao Livro do Êxodo e ao estudo da personalidade de Moisés. De repente, uma ânsia me envolveu, eu me coloquei de joelhos e conversei com Deus em voz alta, orando: “Ó Pai! Foram tantas as vezes em que o Senhor mostrou Seu poder a Moisés de forma inequívoca. Anseio pelo dia em que verei Seu poder entrar em ação de forma inequívoca na *minha* vida também!”



Depois de dizer essas palavras, eu me sentei no chão e olhei em torno da sala, me sentindo um pouco encabulada. Pensei: *O que espera que Deus ofereça a você, Jennie? Que ele a faça vencer o concurso da casa mais organizada do ano?*

Percebendo que horas eram, fui acordar Amber e a coloquei no carrinho para levá-la à consulta com o ortopedista, no hospital. Na sala de exames, passei pelo ritual já familiar de desfivelar o cinto com os cabos e deixá-la só de camiseta e calcinha, a mesma que substituíra a fralda e que havia nos deixado tão orgulhosos.

Cumprimentando-nos assim que entrou no consultório, o médico ergueu Amber e a colocou sentada na borda da mesa de exames. Segurando cada uma das suas panturrilhas, ele aplicou um pouco de pressão e suavemente torceu as pernas, enquanto ela reclamava e estendia os braços para mim. Odiávamos essa parte do exame. Nesse instante, abri a boca para confessar que a havia deixado duas horas a mais por dia sem o aparelho, para conseguir treiná-la a usar o banheiro, mas ele me interrompeu bem na hora:

— Que coisa interessante — disse o ortopedista. — Sra. Dimkoff, gostaria de ver Amber caminhar por alguns metros no corredor do hospital. Por favor, fique três portas adiante e peça para ela caminhar até a senhora. Enquanto isso, ficarei observando os movimentos dela daqui.

Assim, sem as botas nem os cabos, Amber seguiu alegremente ao longo do corredor, na minha direção.

— Excelente — elogiou o ortopedista. — Agora, quero que ela faça tudo de novo. Vamos trocar de lugar.

Mais uma vez, Amber caminhou pelo corredor sem falhar. De volta ao consultório, o médico examinou os raios X e as pernas mais uma vez. Depois de algum tempo, exclamou:



— Admirável! A senhora gostaria de comprar um par de calçados novos para Amber?

— Precisaremos comprar um novo par de botas ortopédicas? — perguntei, confusa. Amber já estava mesmo para perder as botas atuais, o que era ótimo, porque elas estavam em um estado lastimável.

— Não. — O médico sorriu. — Na verdade, o progresso da sua filha é algo simplesmente espantoso! Ela *não precisa* mais dos cabos nem das botas. A senhora não prefere comprar um par de tênis para ela aproveitar o fim do verão?

Fiquei tão atônita que mal consegui falar; não só pelo que o médico acabara de dizer, mas porque me lembrei que menos de uma hora antes eu estava de joelhos em casa, pedindo a Deus que me permitisse ver Seu poder em ação na minha vida de forma inequívoca.

Não me lembro do que disse ao doutor, só me recordo de colocar Amber no carrinho, empurrá-lo até a sapataria mais próxima e ir direto até a seção de tênis infantis. Depois, com Amber usando os tênis novinhos em folha e a parafernália ortopédica pendurada na haste do carrinho, segui em júbilo pela rua até o escritório do pai dela, para surpreendê-lo.

Depois que alguns meses se passaram, adorávamos fazer duas perguntas a Amber Joy:

— Ei, gatinha, onde foi que você conseguiu esses olhos castanhos imensos?

Sua resposta era sempre a mesma:

— Meus olhos vieram do meu pai!

— E onde você conseguiu essas lindas pernas retinhas?

Com um sorriso que iluminava o ambiente, ela respondia:

— As pernas eu consegui de Jesus!

Ninguém nunca a corrigiu.



Muitos anos se passaram desde aquele dia memorável, mas o aparelho ortopédico infantil cheio de cabos continua lá pendurado em um gancho em nossa garagem, acompanhado de duas botinhas. Eles são uma lembrança do maravilhoso presente que o Senhor nos deu.



*Clame a mim! Responderei e lhe
direi coisas grandiosas e insondáveis
que você não conhece.*

LIVRO DE JEREMIAS 33:3





**Nunca sinta receio de confiar seu futuro
desconhecido a um Deus conhecido.¹**

CORRIE TEN BOOM

CAPÍTULO 20

Beleza Apesar das Cinzas

POR JENNIE AFMAN DIMKOFF



— **K**aren, saia! Saia agora!!!
Totalmente desorientada, engatinhando pelo quarto, Karen fez um esforço para tentar enxergar através da fumaça espessa.

— Saia já e vá procurar ajuda! Deixa que eu pego as meninas! — gritou Willie, desaparecendo em meio à fumaça densa e seguindo na direção do quarto das filhas do casal.

Karen já havia tentado salvar as filhas quando o marido desceu para verificar a extensão do incêndio, mas a fumaça era densa demais. Eles não faziam ideia de que ela já havia invadido o duto de ventilação e saía diretamente no quarto das meninas. Karen esperou ansiosamente que Willie saísse lá de dentro com as filhas, mas ele não apareceu. Os segundos se passaram e Karen se sentiu grudada no chão do quarto, até que, por fim, percebeu que tinha perdido as três pessoas que mais amava no mundo. O choque foi tão grande que ela simplesmente se deixou ficar ali sentada, enquanto as labaredas ardiam cada vez mais alto e cada vez mais próximo. Karen não sabia se devia permanecer ali e morrer com eles ou tentar escapar.



Uma explosão no andar de baixo a fez acordar do transe de forma abrupta. Pulou de susto e entrou em ação. Precisava buscar ajuda! Tentou descer pelas escadas, mas seus pensamentos estavam completamente desordenados por causa da fumaça. Seria melhor tentar salvar um dos álbuns de fotos naquele cômodo da casa ou procurar as chaves do carro? Não. Estava quente demais, o incêndio se espalhava freneticamente, havia goteiras de fogo e tudo explodia! Recuando para a suíte principal da casa, Karen correu para a janela. Milagrosamente, na semana anterior, Willie havia colocado uma escada do lado de fora da casa — e ela estava encostada na janela do quarto! Depois de lutar com dificuldade para abrir a janela, Karen rastejou por cima do peitoril, tentando sentir a ponta da escada em meio à escuridão. O calor do fogo era avassalador, logo atrás dela. Naquele desespero, nem pensou no ar gelado que a esperava do lado de fora. Vestia apenas o pijama de calça comprida e meias, e quando chegou ao chão correu na direção dos vizinhos mais próximos, que moravam a cerca de 400 metros dali, pela estrada de terra. A temperatura estava baixíssima e, além da friagem e da escuridão, chovia. Eram duas e meia da manhã, na madrugada do dia de Natal.

Uma visão chocante aguardava os vizinhos quando eles foram acordados. Sob a luz forte da varanda da casa estava Karen Royster, morrendo de frio, vestindo um pijama todo coberto de cinzas, as pontas dos cabelos chamuscadas e a pele muito queimada. Ela não enxergava direito, respirava com dificuldade, sugando o ar com força, e parecia frenética devido ao pânico e à dor. Os veículos de emergência foram chamados e os bombeiros apagaram as chamas da casa da família Royster, que ficou completamente destruída. O corpo de



William Royster foi resgatado. Segurava nos braços as filhas Rachel, de seis anos e Ruth, de quatro. Karen foi levada de ambulância para o hospital, onde passou quatro dias internada em tratamento de cegueira temporária, inalação de fumaça, queimaduras e lesões nos pulmões.

Deitada na cama de hospital, lembranças maravilhosas lutavam com a dor da dura realidade. A véspera de Natal tinha sido perfeita. Ela e Willie haviam decidido começar uma nova tradição de família com as meninas. Aconchegados no sofá, seu amoroso e atraente marido tinha lido para as filhas, na Bíblia, a história do nascimento de Cristo. Depois, em vez de deixar as meninas esperando até a manhã de Natal, os pais permitiram que cada uma delas abrisse um presente. Foi uma inesquecível noite em família e, por volta das nove, colocaram na cama, com muito carinho, as filhas ainda empolgadas pela noite emocionante. Depois disso, Karen e Willie tinham ficado acordados até meia-noite, embrulhando os presentes dos familiares que viriam no dia seguinte para o jantar de Natal. Foram momentos plenos de alegria. Antes de subirem para o quarto, Willie havia abastecido o fogão a lenha.

O agente funerário procurou por Karen quando ela ainda estava no hospital, para tratar da cerimônia fúnebre. Terrivelmente despedaçada, ela encontrou um estranho conforto ao saber que havia um caixão grande o bastante para que seus três amados fossem enterrados juntos. Apesar de a equipe médica ser muito eficiente e cuidar de todas as necessidades físicas de Karen, eles não podiam fazer nada pelo seu espírito destroçado. Assim que o agente saiu, ela chorou de desespero: “Meu Deus, está tudo destruído. Uma vida inteira acabou de virar cinzas!”



Karen não tinha mais marido, nem filhas, nem casa, nem bens de nenhum tipo. Eles não tinham seguro de vida, e o valor da apólice do seguro do imóvel era muito menor do que a casa valia. Aos 33 anos de idade, não lhe restara absolutamente *nada*.

Deitada ali, em total desolação, Karen foi percebendo a presença do Senhor ao seu lado, e uma voz calma falou diretamente à sua alma: “Você tem tudo o que precisa, Karen, porque ainda tem a mim.”

O Senhor, silenciosamente, fez com que ela se lembrasse da história de Pedro, que conseguia caminhar sobre as águas em meio a uma violenta tempestade, desde que mantivesse os olhos fixos em Jesus. Ali, no hospital, Karen foi inundada por uma inesperada sensação de paz, e permaneceu firme na ideia de que, desde que mantivesse a mente e o coração em Jesus, ela conseguiria ser carregada através da dolorosa tempestade que os ventos da vida lhe trouxeram.

Do seu leito, ela escreveu uma linda carta para Willie e para as meninas, uma carta que seria lida no velório. O texto começava com uma lembrança amorosa do marido, seu verdadeiro herói, por amá-la tanto e por abrir mão da própria vida tentando salvar as filhas. A carta terminava assim:

P.S.: Obrigada, Jesus. Embora eu esteja afastada das minhas menininhas preciosas, é um conforto saber que Willie segurava Rachel e Ruth nos braços quando eles foram conduzidos ao céu para ver o Senhor face a face. Vou manter Sua Palavra junto do meu coração e ler o que está escrito no Segundo Livro de Samuel, capítulo 1, versículo 23, que diz: “Foram tão amados e queridos na vida que, também na morte, não se separaram.”



Disseram a Karen que ela havia perdido tudo no incêndio, mas, como ela continuou agarrada à sua fé como uma tábua de salvação, Deus a agraciou com duas bênçãos que lhe trouxeram muita alegria. Só duas coisas haviam sido salvas do incêndio devastador. A primeira era um álbum com fotos preciosas de Willie, Ruth e Rachel. Apesar de arruinado por fora, as fotos estavam em perfeito estado, e isso representou um presente de valor incalculável para Karen.

A segunda bênção foi um grande amigo de Karen, Ray Carver, que apareceu na casa logo depois do incêndio e conseguiu convencer os bombeiros a deixá-lo entrar em meio aos destroços. Karen sabia tocar violino clássico, e chegara a dar aulas à filha de Ray. Procurando cuidadosamente por entre os escombros ainda fumegantes, ele encontrou o que procurava. Ali, nas cinzas, estava a caixa do violino de Karen. Ele torceu para encontrar um tesouro intacto. O estojo estava muito quente. Depois de removê-lo das ruínas com máximo cuidado, ele ligou para um amigo restaurador e perguntou o que deveria fazer em seguida. O restaurador o orientou a não abrir o estojo sob nenhuma hipótese, até que o objeto tivesse esfriado por completo. Então, quando o estojo foi finalmente aberto, o valiosíssimo violino de Karen, que era tcheco, fora fabricado a mão e tinha 200 anos de idade, foi encontrado com uma única corda arrebitada e pouquíssimos danos provocados pela água!

Diante da fé inabalável em Deus ao longo das semanas e meses que se seguiram, o Senhor cuidou bem de Karen. Um fundo para ajudar com as despesas do sepultamento e suas necessidades imediatas foi criado por meio da igreja, e uma amiga que passava o inverno na Flórida permitiu que ela se instalasse em sua casa vazia. Fulminada pelo luto e sentindo-se



terrivelmente só, Karen passava os dias lendo a Palavra de Deus e tocando violino. Naqueles momentos calmos em companhia do Senhor, descobriu um inesperado consolo: começou a cantar. Apesar de toda a sua formação musical, nunca tinha sido cantora. Agora, as canções traziam alegria e paz à sua vida.

Ela continuava insegura com relação ao futuro, mas os amigos se ofereceram para ajudá-la a reconstruir sua vida. Antes de tomar qualquer decisão a respeito, um amigo de Karen, que era ministro religioso, a convidou para ir ao serviço de domingo à noite, em sua igreja em Newaygo, para tocar violino, cantar e compartilhar seu testemunho pela primeira vez desde a tragédia.

Naquela noite, Al Brunsting, um solteirão convicto, estava na plateia vendo Karen cantar, e reparou que seu belo rosto parecia irradiar um profundo amor pelo Senhor. Inclinando-se para um amigo ao lado, ele sussurrou:

— Bem que eu gostaria de conhecer uma jovem como essa.

Em seguida, quando Karen contou sua história, em meio a longos e emocionados intervalos, Deus tocou o coração de Al com uma compaixão profunda e um desejo de conhecer, ajudar e confortar aquela jovem. Al era um empresário, mas também bombeiro voluntário. Devido a isso, foi capaz de compreender a experiência de Karen melhor do que muitos dos que estavam presentes ali.

Duas semanas se passaram. Al escreveu uma carta a Karen, perguntando se poderia visitá-la. Apesar de receosa, aceitou. Ele fez a viagem de duas horas e meia de carro na semana seguinte e, um em companhia do outro, foram visitar o túmulo da família dela, levando flores. Era o dia do aniversário da pequena Rachel, e os dois visitantes choraram juntos. À medida que as semanas e meses foram passando, um amor suave começou a florescer.



No dia 4 de julho daquele mesmo ano, eles se casaram. Al brincou o tempo todo, dizendo aos convidados que havia perdido sua independência pessoal no Dia da Independência dos Estados Unidos. Juntos, enfrentaram um futuro que incluiria dias cheios de alegria e súbitas crises de pesar profundo, à medida que mais lembranças surgiam, mas Deus colocara Al na vida de Karen para que ela não tivesse mais de enfrentar esses momentos de dor sozinha. Logo depois do casamento, Karen ficou grávida, e se tornou claro que Deus pretendia abençoá-los de forma abundante! Quando já estava com oito meses de gravidez, Al mediu a fina cintura de outrora de sua esposa, que havia crescido muito e alcançara a marca de 125 centímetros! Duas semanas mais tarde, na véspera do Dia das Mães, os gêmeos Sarah e Seth vieram ao mundo.

— Talvez jamais tenhamos todas as respostas sobre o porquê de as coisas acontecerem em nossas vidas — diz Karen —, mas acredito que é nos momentos de profundo desespero que vemos as maiores demonstrações divinas de amor e fidelidade.



*Transformaste o meu pranto em
folguedo; desataste o meu pano de saco
e me cingiste de alegria.*

SALMOS 30:11





**Sua irmã é um espelho que, com seu brilho,
reflete um mundo de possibilidades.¹**

BARBARA ALPERT